VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

A HORA DA CIDADE: LITERATURA, NARRATIVA HISTÓRICA E O IMAGINÁRIO URBANO

Cícero da Silva Oliveira*

O presente artigo reflete sobre a constituição de um imaginário urbano e a escrita da história que tem a cidade como tema. Reconhecemos a escrita da história como uma das inúmeras formas narrativas (CHARTIER, 2002) sem, contudo, invalidar o caráter científico do conhecimento histórico (WHITE, 2011). A historiografia permite certo grau de ficcionalização, mas não de "embuste" (CERTEAU, 1982), ou seja, o historiador "inventa" sem fugir das imposições que a produção do conhecimento requer.

Em nossa opção metodológica tomamos como referência literária a novela *A hora da estrela*, da escritora Clarice Lispector, justamente por percebermos na literatura uma interlocutora da produção historiográfica capaz de revelar outras sensibilidades e possibilidades interpretativas da relação entre a cidade e seus frequentadores e ser, igualmente, importante na construção do imaginário urbano.

Ao trabalharmos com *A hora da estrela*, percebemos uma tensa relação entre a cidade na sua qualidade de símbolo e concretude da modernidade ocidental e uma

* Licenciado em História e Especialista em História do Brasil pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Mestrando em História pela Universidade Estadual do Ceará – Uece. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (cg.cicerogarcia@gmail.com).

ISBN: 978-85-98711-10-2

personagem deslocada que ao final da trama jaz numa sarjeta qualquer, atropelada por outro instrumento moderno mais perfeitamente adequado ao espaço citadino.

A narrativa literária, sua contribuição para a constituição de um imaginário urbano e um provável diálogo entre a literatura e a narrativa histórica são algumas questões sobre as quais refletimos nesse texto.

OS LIMITES NA NARRATIVA HISTÓRICA

A cidade se avoluma e metamorfoseia bem diante dos nossos olhos. Multiplicam-se igualmente os discursos que adotam o espaço citadino como temática; literatura e historiografia imprimem olhares sobre o urbano em meio a leituras aproximadas e distâncias visíveis. A historiografia e a literatura pensam a cidade na sua relação com os seus habitantes e frequentadores e entendemos ser isso uma via de mão dupla. Mais do que meros discursos sobre o urbano a escrita da história e a literária, cada uma ao seu modo, inventa aquilo narra (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007a, p. 19-20).

O conceito de invenção remete à valorização da capacidade criativa dos sujeitos, pensamento que na historiografia ganha força na segunda metade do século XX. Admitindo o potencial inventivo da humanidade, historiadores consideram sua própria condição de construtores da história cujo ápice e o tecer da narrativa. Entretanto, "o artista, o filósofo ou o cientista inventa, no entanto, na imposição" CHARTIER (2002, p. 93).

É ainda CHARTIER (2002, p. 85) que afirma a "tomada de consciência" dos historiadores em relação ao seu discurso: "seja qual for sua forma, é sempre uma narrativa." Pensar a narrativa por essa perspectiva traz à tona o tema da ficção, da aproximação e das distâncias entre historiografia e literatura. Ficção sempre constante na escrita da história, tanto pela distância do historiador (presente) do seu objeto (passado) como pela sua inserção em instituições de saber específicas e na indústria historiográfica ocidental como um todo. Assim, fala-se do que já não existe e uma pretensa individualidade narra como primeira pessoa do plural (CERTEAU, 1982). Além do mais, as lacunas perturbadoras que não deixam de aparecer a cada contato do

ISBN: 978-85-98711-10-2

historiador com o seu objeto precisam ser, de alguma forma, preenchidas para que o texto historiográfico adquira respaldo institucional e poder de convencimento.

Logicamente, pelo compromisso da história com o conhecimento e pela existência de "freios" que tentam garantir certa estabilidade ao saber histórico (CHARTIER, 2002, p. 100), a ficção produzida pelo historiador concorda muito mais com o conceito de invenção acima mencionado do que com a ideia do *embuste*.

Ainda sobre a narrativa histórica e no contexto das críticas aos modelos explicativos pautados nas estruturas ou métodos quantitativos, é mais uma vez CHARTIER (2002, p. 87) quem destaca, a partir dos escritos de Michel de Certeau e Paul Ricoeur, a presença inquestionável das narrativas na historiografia. Entretanto, surgem discussões relacionadas a determinação das "propriedades específicas da narrativa de história em relação a todas as outras."

Sob outro ponto de vista, (WHITE, 2011) propõe uma investigação tendo por objeto a narrativa historiográfica na sua relação com a teoria histórica contemporânea. É o que passamos a expor.

A narrativa para a historiografia do século XIX era indispensável; a fórmula foi sintetizada por Benedetto Croce: "Onde não há narrativa, não há historia.". Para Hegel e sua maneira peculiar de pensar a história como uma relação entre um público específico e o passado intermediada pela ação do Estado, a narrativa era a única forma adequada de representação da investigação histórica. A escola francesa, organizada a partir da Universidade de Estrasburgo e fundadora da *revista Annales de História Econômica e Social*, vem criticar ao mesmo tempo a história política produzida nos oitocentos e a sua forma essencialmente narrativa; surgia, dessa forma, uma maneira de pensar e fazer a história que, para WHITE (2011), era uma "estenografia" das correntes estruturalista e pós-estruturalista do século XX. Para a Escola dos *Annales* o modo narrativo era inadequado a cientificidade da história.

Entretanto, nem todos eram tão severamente críticos à narrativa na sua relação com o conhecimento histórico. Os filósofos analíticos anglófonos, distantes dos posicionamentos adotados contra a história e sua forma narrativa por estruturalistas e pós-estruturalistas franceses, defendiam a validade da representação histórica por mecanismos narrativos.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Finalmente, aqueles que consideram a hermenêutica como método das ciências "histórico-genéticas" têm sua opinião apresentada, com destaque para Paul Ricoeur. Conquistar a compreensão dos eventos históricos só é possível pelas vias da narratividade. A estruturação da temporalidade não dispensa a existência de uma "metafísica da narratividade"; ações narrativizadas, narrativizações vividas, uma forma exclusiva de representação: a narrativa.

Com a teorização proposta por RICOEUR *apud* WHITE (2011), à ação e ao texto devem ser aplicados princípios hermenêuticos semelhantes. Entretanto, CHARTIER (2002, p. 91) vê inconveniência no método:

> Dessa irredutibilidade da experiência ao discurso toda história deve dar conta, precavendo-se de um uso descontrolado da categoria de "texto", demasiadas vezes indevidamente aplicada a práticas (ordinárias ou ritualizadas), cujas táticas e procedimentos não são em nada semelhantes às estratégias discursivas. Manter a distinção entre ambas é o único meio de evitar de "dar para o princípio da práticas dos agentes a teoria que se deve construir para justificá-la", segundo a fórmula de Pierre Bourdieu

Não há concordância entre os autores nesse ponto. Consideramos extremadas às teorias que usam a categoria "texto" de forma genérica, como também acreditamos ter sido levado ao extremo a posição de Hayden White ao negar vigorosamente a cientificidade da história. Adotamos, então, a historiografia como uma forma narrativa mantida sob controle por diversos mecanismos da produção do conhecimento: as relações com a fonte, o lugar institucional, o método científico etc.

"UMA EXISTÊNCIA ATROPELADA"

Para além da diversidade de representações arquitetônicas e minuciosas descrições dos desenhos urbanos (PESAVENTO, 1999, p. 14-15), a literatura fala da cidade na sua relação com os seus habitantes. O espaço citadino é mais que um cenário no qual os enredos são desenvolvidos; parece falar aos personagens e leitores sugerindo e reprovando posturas. O aço e o concreto não admitem a inércia pela qual são caracterizados e lutam contra a carne e sangue assumindo o protagonismo na ficção. Dessa forma, fica estabelecida a representação de um tenso diálogo que extrapola a

ISBN: 978-85-98711-10-2

relação intratextual; o leitor mergulha na trama e pensa a sua cidade a partir de um outro lugar – vivo – no texto literário.

São algumas narrativas nas quais a cidade e a morte estabelecem vingança contra os autores desesperados de pequenos golpes cotidianos. O cenário de suas vivências recolhe corpos, devolvem outros tantos às suas cidades de origem e nas lápides dos vencidos ficará a marca da perenidade e vigor do espaço que construíram.

Essa é a história de uma nordestina no Rio de Janeiro. A metrópole anuncia sonhos de felicidade e o bem-estar como um produto acessível a todos. O convite atraente, por mais que vindo de uma multiplicidade de vozes, é feito em uníssono: "tudo ao alcance das mãos". Atrai enfim. O cotidiano, por outro lado, contradiz os discursos da cidade e revela o equivoco urbano, suas múltiplas faces. Temos à nossa vista a novela *A hora da estrela* da escritora Clarice Lispector (1920-1977).

No corpo, Macabéa trazia as marcas dos "maus antecedentes" – sertaneja e raquítica, como se a segunda fosse condição intrínseca à sua origem (LISPECTOR, 1998, p. 28). O seu destino, entretanto, era tornar-se estrela, e estrela de cinema. Mas, como atingir o seu objetivo senão pela morte, a sua hora cintilante?

Trabalho, moradia, mobilidade, alimentação, vestimenta, lazer, saúde, na prática a cidade não oferta, vende. O poder de consumo é critério de distinção entre aqueles que escolheram a cidade para viver. Macabéa come mal, mora na distante Rua do Acre – perto do cais do porto – zona de prostituição em franca decadência, em um quarto dividido com quatro amigas trabalhadoras do comércio, envolve seu corpo frágil com roupas baratas durante o dia e à noite busca calor em lençóis já desgastados, diverte-se olhando vitrines e circulando sem ser notada por lugares possíveis da metrópole. Entre uma única visita ao médico e outra igualmente exclusiva à cartomante, Macabéa é conduzida por Glória, companheira de trabalho, na busca de saber do seu corpo e destino. É o que com o salário de datilógrafa pode ser comprado.

Os anúncios comerciais são partes de destaque no cotidiano da "nordestina" na metrópole. Ouvindo rádio durante a madrugada ou recortando jornais e colecionando as partes que lhe interessavam, Macabéa apropriava-se do que não era "feito para ela", ligava-se aos únicos espaços possíveis que podia atingir na sociedade de consumo (GUERRA, 2011, p. 251).

ISBN: 978-85-98711-10-2

A "sociedade é técnica" e Macábea "não sabia qual botão apertar", nem ao menos passear ao lado do namorado que em breve a trocaria pela sua colega de trabalho e pela possibilidade de estar com alguém que tem comida em casa todos os dias, várias vezes no mesmo dia e um pai comerciante. Contudo, a "nordestina" imprimia pequenos golpes: algumas mentiras, faltas ao trabalho, um batom vermelho alargando os lábios, cinema uma vez por mês, um biscoito roubado na casa da amiga, dinheiro emprestado que não sabia quando devolveria. Guardava igualmente seus orgulhos que retomava todas as manhãs: ser virgem e datilógrafa, bem como a lembrança do gosto por coca-cola; rememorações que contribuíam para reforçar a sua identidade. Do resto ela sabia muito pouco. Talvez alguns "bons modos" ensinados pela tia que a criara a pancadas após a morte dos pais da protagonista.

Macabéa é escolhida entre tantas de experiências semelhantes com a cidade para ter sua trajetória narrada. Uma existência de atração talvez involuntária pelo espaço urbano, de "incompetência" para lidar com a modernidade tão bem representada pelas grandes cidades e uma vida atropelada e ceifada em uma sarjeta qualquer quando buscava um encontro com o seu destino.

Uma existência qualquer, um corpo comum e uma morte banal. Essa modernidade veloz e de difícil identificação não poupa os inadaptáveis e de existência invisível. Ser estrela não combina com algumas vidas; para algumas, cintilância rima com morte e a cidade é feita "toda contra elas".

Clarice Lispector na sua última entrevista[1] ao mencionar *A hora da estrela* afirma: "É a história de uma moça que só comia cachorro-quente. A história é de uma inocência pisada, de uma miséria anônima...". E, ainda sobre a escolha da temática e enredo[2]:

> Eu morei no Recife, eu morei no nordeste, me criei no nordeste. E depois, no Rio de Janeiro tem uma feira de nordestinos no Campo de São Cristovão e uma vez eu fui lá... E peguei o ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro. Daí começou a nascer a idéia de um...

[1] Concedida ao jornalista Júlio Lerner em 1º. de fevereiro de 1977, para o programa Panorama da TV Cultura, e que só foi ao ar em dezembro do mesmo ano por acordo firmado com a escritora que exigiu que a entrevista só seria veiculada após a sua morte. Disponível na internet em http://www.youtube.com/watch?v=djj_gdxUrPI&feature=related Acesso em 25 mar. 2012. Publicada na Revista *Shalom*, nº 296, v.2, 1992.

[2] Trata-se de transcrição de mais um trecho da entrevista mencionada.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> Depois eu fui a uma cartomante e imaginei... Ela disse várias coisas boas que iam acontecer e imaginei, quando tomei o táxi de volta, que seria muito engraçado se um táxi pegasse, me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas aquelas coisas boas. Então daí foi nascendo também a trama da história.

Para GUERRA (2011, p. 244-245), o "discurso clariciano é altamente polêmico e, por meio dele, Lispector critica a sociedade da década de 1970, ainda sobre o agravante da ditadura militar... A temática que circula nesse discurso literário é a da vida insignificante de Macabéa e da exclusão social dessa personagem que tenta fazer parte de uma sociedade que, em virtude de suas peculiaridades, não lhe abre espaço."

A HORA DA CIDADE

Michel de Certeau é quem apresenta a nós um "paradigma da atividade tática" baseado nas artes de fazer.

Se por um lado existe aquilo que CERTEAU (2007, p. 39; 41) definiu como "uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular", interessa "descobrir como uma sociedade inteira não se reduz a ela".

Do lado das redes de vigilância encontramos as estratégias, de formulações possíveis por um sujeito de querer e poder que, isolado de um "ambiente", forja um lugar caracterizando-o como próprio e espaço privilegiado de onde gerencia suas relações com a exterioridade a quem deseja subjugar.

"Falar, ler, circular, fazer compras ou preparar as refeições etc." são práticas cotidianas que subvertem taticamente as estratégias. "Pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de "caçadores", mobilidades de mão-de-obra, simulações polimorfas, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos" (CERTEAU, 2007, p. 47).

Dessa forma, existe uma lógica em cada uma dessas operações de difícil genealogia, mas que revelam a capacidade inventiva dos fracos em fase de imposições igualmente cotidianas. CHARTIER (2002, p. 91), também nos diz que

> ... o objeto fundamental de uma história que visa a reconhecer a maneira como os atores sociais dão sentido a suas práticas e a seus

ISBN: 978-85-98711-10-2

> discursos parece residir na tensão entre as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, de outro lado, as restrições, as normas, as convenções que limitam – mais ou menos fortemente de acordo com sua posição nas relações de dominação – o que lhes é possível pensar, enunciar e fazer.

É, pois, o homem ordinário e suas aventuras cotidianas que ganha a atenção de Michel de Certeau. As práticas do espaço urbano fazem parte das primeiras enquetes em busca de atingir essa formalidade das ações das quais fala (CERTEAU, 2007, p. 42). Há que se admitir que, mesmo formais, as táticas de sujeitos que espreitam o momento adequado variam de acordo com "situações sociais e relações de força" (CERTEAU, 2007, p. 44), portanto, funcionam de forma heterogênea. Cremos que talvez diversidade dificulte o encontro com a lógica mais geral das artes de fazer e, por outro lado, revela igualmente a presença das subjetividades nas ações do tipo tática.

A cidade se impõe como um desafio aos seus habitantes. A ordem espacial deixa claro os limites que estabelece, seus interditos. Como que construídos para tolher os corpos dos seus frequentadores, os espaços urbanos ocidentais, desde os mais antigos aos contemporâneos, não têm "respeitado a dignidade dos corpos humanos e sua diversidade" SENNETT (2003).

Contudo, os corpos vilipendiados resistem à cidade na sua qualidade de ordem que limita. Nas andanças pela cidade – tomemos essa prática como exemplo – os seus frequentadores exercitam suas capacidades criadoras e multiplicam os possíveis, não obstante a efetivação de apenas algumas possibilidades (CERTEAU, 2007, p. 178). Sobreviver nos grandes centros urbanos é um convite ao movimento atento e criativo; uma questão de sobrevivência e de viver.

À medida que circulamos pela cidade, nossas sensibilidades e recordações são postas à prova, muito embora SENNETT (2003, p. 15) acredite que nós, frequentadores dos grandes centros urbanos, estejamos condenados à "privação sensorial". Encontramos um lugar em outro através de operações mentais e sensoriais, tomamos posse da cidade pelo nosso olhar, vemos e somos vistos, existimos (CERTEAU, 1995, p. 43), tomamos parte da e na constituição desse imaginário urbano fortemente marcado pelo primado do visual. Contudo, nossa visão é sempre parcial, fragmentada e cheia de lapsos, descontinuidades, atritos.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Ainda para CERTEAU (2007) é esse movimento, essa prática, que inventa espaços. Lugares inertes que pela atuação de homens ordinários são transformados em outra coisa; ato deliquente e necessário de quem precisa agir em território que não lhe é próprio.

Não é, porventura, o "paradigma da atividade tática" excessivamente dualista e igualmente um modelo que atribui características textuais às práticas, conforme denunciado por CHARTIER (2002, p. 91), visto ser confessadamente tecido com base em modelos do enunciado (CERTEAU, 2007, p. 40)?

De qualquer forma, essa é a história da emergência de um sujeito ordinário que precisa saber lidar com o tempo para tirar proveito das situações, já que o território é de outro. A literatura tem insinuado constantemente essa onipresença do "homem sem qualidades" é o que nos diz CERTEAU (2007, p. 30), "Antígona, a Bela Adormecida no Bosque, a Borralheira, Dédalo e Ícaro...". Homem ordinário como uma generalização e principio generalizador; "cada um", "ninguém", "não importa quem", "todo o mundo" (CERTEAU, 2007, p. 60).

Voltemos a Macabéa, essa generalização, esse ninguém de quem é cobrado saber agir na cidade – de múltiplos usos – que não é o seu próprio, iguais a tantas outras que circulam deslocadas por entre carros e pessoas, inexistentes porque não visíveis, deliquentes mínimas, "incompetentes" para a vida citadina.

Se a literatura é representação, também contribui para a invenção porque representação – uma dizibilidade. E, Macabéa é isso representação e invenção – talvez nos falte precisar essa emergência. O avesso do herói, não um anti-herói, mas uma terceira via, alguém de quem sentimos vergonha, dó, raiva, amor etc. Distante das astúcias de Macunaíma, Malasartes e João Grilo[3], não há outro destino para Macabéa senão ser estrela, ter sua hora.

Sendo a História "a razão, consciência, o poder, o domínio, a conquista" (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007b, p. 49), a continuidade, o macho, chega a literatura

[3] Referência a: ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. São Paulo: Martins Fontes, 1978; SUASSUNA, Ariano. **O Auto da Compadecida**. São Paulo: Agir, 2005. Ver também o artigo, **Pedro Malasartes**: A Personificação da Figura do Anti-Herói e do Malandro de Talitta Tatiane Martins Freitas, publicado na revista eletrônica *História* e-*história*. Disponível no endereço eletrônico http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=167.

ISBN: 978-85-98711-10-2

e mostra os outros lados, constrói um caleidoscópio, revela um imaginário caótico da cidade, põe em cheque a própria "beleza" dos finais felizes tão cara ao romance moderno e a harmonia da narrativa histórica.

Os homens ordinários que circulam pelos espaços urbanos precisam submergir no hoje; o futuro é da cidade. "Hans, Emílio Fígaro, Don Juan, Lady Macbeth, Édipo, Robinson na companhia de Sexta-feira, Scapin, Ulrich e muitos outros que povoam essas páginas" (CERTEAU, 2007, p. 30-31) literárias ligam o autor a um público anônimo, estimulam a inventividade no cotidiano; heróis dentro e para além da trama. Mas, Macabéa é real, é existência atropelada pela cidade e sua modernidade centrada no individualismo sem freios. Um automóvel. Finalmente, é a narrativa literária que diz a narrativa histórica: "Há corpos na sarjeta!".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões que resultaram na elaboração desse texto serviram para que formulássemos uma concepção da escrita da história como uma das muitas formas narrativas, controlada pela responsabilidade de produzir conhecimento, pela relação direta com as fontes e pela sua inserção em círculos acadêmicos específicos, mas que permite atuações criativas dos seus elaboradores (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007a). Isso consideramos relacionando as teses de CHARTIER (2002), CERTEAU (1982) e WHITE (2011), não obstante outras distâncias visíveis entre tais pensadores.

Outra questão relevante é a aproximação com a literatura, justamente por ser uma narrativa com maior grau de liberdade, como uma interlocutora que oferta sensibilidades ao olhar do historiador tão acostumado às racionalizações cientificistas ocidentais modernas (ALBUQUER JÚNIOR, 2007b).

Finalmente, fica uma leitura da cidade a partir da sua relação com os seus frequentadores, valorizando o que há de tenso, de equivocado, de inconciliável entre a ordem que delimita e aqueles que resistem (CERTEAU, 2007) ou dobram-se face o peso do concreto e do aço como Macabéa (LISPECTOR, 1998).

ISBN: 978-85-98711-10-2

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Da terceira margem eu so(u)rrio: sobre história e invenção. In: _____. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru, SP: EDUSC, 2007a.

_____. *A hora da estrela*: História e Literatura, uma questão de gênero. In: _____. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru, SP: EDUSC, 2007b.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária 1982.

_____. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 13. ed. Petrópolis: Vozes. 2007.

_____, O imaginário da cidade. In: _____. **A cultura no plural**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CHARTIER, Roger. A história entre narrativa e conhecimento. In: _____. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

GUERRA, Vânia Maria Lescano. **Um olhar discursivo sobre "A hora da estrela"**: tradução, identidade e cultura em Clarice Lispector. *Raído*, Dourados, MS, v. 5, n. 9, jan./jun. 2011. Disponível na internet em: http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/viewFile/1028/814 Acesso em 28 mar. 2012.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro : Rocco, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A pedra e os sonhos: o caminho do imaginário urbano. In: _____. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra:** o corpo e a cidade na civilização ocidental. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

WHITE, Hayden. A Questão da Narrativa na Teoria Histórica Contemporânea. In. NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogério F. da (orgs.). **Nova História em Perspectiva** (Vol. 1 - Propostas e Desdobramentos). São Paulo: Cosac Naify, 2011.